

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA REPRODUZIDA NA RELAÇÃO MÃE E FILHA: UM ESTUDO A PARTIR DA TRADUÇÃO DO ROMANCE BELGA *MAS MEU VESTIDO NÃO FICOU AMASSADO* (2022) DE CORINNE HOEX

Eixo Temático 8: Corpos que Gestam, Maternidade, Assistência à Saúde Materna e Violência. Narrativas Literárias, Ética e Bioética nos Cuidados em Saúde; Movimentos Sociais e Relatos de Experiência

Gabriela W. Porto Alegre¹
Kelley B. Duarte²

RESUMO

A partir da noção de reprodução da violência simbólica em relações familiares, lastreada na teoria de Pierre Bourdieu (2020), essa comunicação objetiva articular as estratégias estilísticas e linguísticas da obra *Mas meu vestido não ficou amassado* (2022) com o aparato ideológico-patriarcal e a dinâmica de agressões vigente na relação entre mãe e filha. Nessa perspectiva, destacando a centralidade, nessas agressões, do “manter as aparências”, abordarei a pressão estética passada de uma geração de mulheres à outra. Também explorarei a qualidade denunciadora e poética da obra. A orientação teórica destaca, além da base Bourdieuniana, o estudo de Lúcia Osana Zolin (2009), para quem os aspectos estéticos de uma obra estão intrincados à realidade histórica da representação feminina.

Palavras-chave: mãe e filha, violência, patriarcado, tradução

INTRODUÇÃO

A presente comunicação objetiva apresentar os primeiros resultados de uma pesquisa oriunda da tradução do romance belga *Ma robe n'est pas froissée* (2008), de Corinne Hoex, traduzida recentemente para o português, no Brasil, para introduzir um trabalho teórico-crítico-reflexivo em torno das violências contra a mulher. Neste encontro,

¹Graduanda do Curso de Letras-Francês da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, gabrielawportoalegre@gmail.com

²Professora orientadora: doutora, Instituto de Letras e Artes - FURG, kellyduarte@yahoo.com.br



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

circunscrevemos nossa fala em torno da relação mãe e filha para destacar a possibilidade de se reproduzir o poder simbólico do patriarcado pelo feminino materno e os danos que isso pode acarretar na construção do sujeito-feminino-filha.

METODOLOGIA

Tendo por base o enredo e os elementos narrativos do romance de Corinne Hoex, originalmente publicado em 2008 e traduzido no Brasil em 2022, cotejamos, nessa pesquisa de cunho bibliográfico e de análise crítica, a representação não-estereotipada da mulher, a violência simbólica, o modelo feminino estabelecido pelo patriarcalismo e o elemento de corporeidade da sujeição. São esses elementos que conduzirão essa investigação, ou seja, de como a relação mãe-filha apresentada nessa narrativa está marcada por um discurso hegemônico que determina o lugar da mulher na sociedade: obediente, polida, serviente, desejável e, sobretudo, adequada.

REFERENCIAL TEÓRICO

A reprodução da lógica dominante pelos próprios sujeitos dominados é um dos canais de subsistência do discurso: a sua internalização e introjeção no dominado. Sendo um discurso uma soma de enunciados que se repetem e cristalizam, a literatura, em seu ofício de re-apresentar as dinâmicas relacionais a partir da ficção, opera a refração dos signos ideológicos, ora os ressignificando, ora os fortalecendo, ora os pondo em xeque (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006, p. 191-192).

Com narração em primeira pessoa, o romance provoca um mergulho na história de uma mulher, mas sem em momento algum tratar de sua subjetividade. Os três capítulos que o constituem são tematizados pelas relações com o pai, a mãe e o namorado, nessa ordem. Na relação com os homens, a moça sofre variadas agressões físicas e sexuais, mas é na relação com a mãe que encontramos terreno para abordar a herança compulsória do comportamento submissivo de uma “boa menina”, a qual é transferida, tal qual um mancípio (contrato verbal pelo qual a propriedade era transferida no direito romano), das mãos do pai para as do namorado, enquanto ela é vigiada pela mãe:

E, ainda hoje, toda a vez que seus olhos se desviam de mim, a ausência de seu olhar me apaga ainda mais. É um sofrimento sem forma. Sem lugar. Pior que a pior das

bofetadas, a mais brutal das palmadas, a mais agressiva chicotada, essas violências pontuais, certas, que teriam me salvado do esquecimento. (HOEX, 2022, p. 58)

A personagem, que nunca é nomeada no romance, tem suas forças de ser e de se tornar desmanteladas pelo enfraquecimento e o “esquecimento” por parte de uma mãe, que a ignora, menospreza e evita.

Quando acontece a sua primeira menstruação, a mãe nomeia o lugar da origem do apenas como “a parte de trás”. Com isso, ela relega à obscuridade todo o conhecimento acerca desse fenômeno natural do corpo feminino, deixando sua filha numa situação de “desconhecimento” do corpo e do acontecimento, o qual está inserido no pensamento de Bourdieu da seguinte maneira:

(...) [a] violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (2020, p. 12)

É preciso salientar: a obra analisada não realiza uma subversão ou um enfrentamento explícito dos mecanismos de dominação, mas cenariza o adormecimento generalizado de uma personagem imergida em uma vida familiar que instala uma série de cerceamentos. No lugar do manifesto, a obra se apresenta como denunciadora de um perfil feminino permissivo, passivo e naturalizador dos acontecimentos violentos.

É com esse atributo, mesmo que desfalcado, que a voz narrativa levanta o tema dos laços sanguíneos com as gerações anteriores. O seu enfoque, ao expor, por meio da imagem, uma ancestralidade de mulheres, é o choro que, entretanto, nunca acontece. Ao mexer em fotos de família, a protagonista encontra uma foto de família onde estão diferentes gerações de mulheres, estando ela, ainda bebê, no colo de uma delas. Ao olhar o verso, ela lê a mensagem escrita por sua mãe: “Minha filha, vá dizer à tua filha que a filha dela está chorando.” (HOEX, 2022, p. 34). É assim que a autora instaura, em nuance, um sofrimento atávico, que será comprovado na relação conflituosa entre uma mãe reprodutora do código normativo de conduta e uma filha que absorve esses valores.

A ausência de alguns elementos integra o *corpus* imaginário da história: somente duas personagens coadjuvantes, de menor relevância para o enredo, são chamadas pelo nome próprio tio “Armando”, que zomba da menstruação das mulheres, se referindo ao sangue

como “sujeira”, e a amiga de escola “Nelly”, que se auto-flagela. Ambos, de certa forma estabelecem um contraste de ação e reação, pois diante da violência simbólica de um potente e dominador patriarcado a única reação que exterioriza a humilhação e repressão é agredir a “coisa” que produz sujeira, ou seja, agredir a si mesma. A nomeação exclusiva dessas personagens constrói o argumento para definir quem tem uma voz mais importante. É a mãe quem reproduz o discurso de poder, citando o tio Armando na ocasião da primeira menstruação da filha para fazer com que ela entenda que, a partir de então, o sangue a estigmatiza.

Assim como esse, o restante dos discursos que circundam a personagem central são monofônicos, aos quais não é possível apresentar um contraponto. Tratam-se de discursos consciente ou inconscientemente direcionados a um mesmo fim: a conformação a uma série de normas de aparência e comportamento. Involucrando essas expectativas, estão, principalmente, as discussões e situações desestabilizadoras vividas entre mãe e filha. A primeira, buscando impor as regras que ela mesma teve de seguir ao se tornar mulher, e a segunda, sucumbindo à primeira. Entretanto, inscrita nesse cenário está a narração da mulher que rememora, que descreve, em alguns momentos quase ironicamente, as suas relações. É nesse momento de “contar” que os significados de seu crescimento se refratam. É a mulher que territorializa a própria história, mesmo que sua subjetivação tenha tido o mínimo de ação autônoma. A importância da voz, independente de seu sucesso ou insucesso no desvencilhar das amarras que a limitam, está em uma denúncia que serve ao feminismo crítico, tal como nos ensina Zolin, “volta-se para as formas de expressão oriundas dos próprios sujeitos femininos”(2009a, p. 106), buscando desconstruir estereótipos cristalizados; estereótipos esses que são naturalizações de práticas artificiais provenientes dos processos de socialização(BOURDIEU, 2020, p. 86,87).

As problemáticas entre mãe e filha, a indiferença, a pressão estética, a insatisfação recíproca de uma mãe que rejeita e uma filha que exige sua atenção. Sendo assim, todas as reflexões de uma lógica patriarcal proporcionam uma análise crítica do “lugar da linguagem”, como pontua Brandolt, “em que o gênero desconstrói o alicerce de uma política baseada nas relações de poder” (2015, p. 268). Essa política determinará que a personagem mãe está desautorizada dos cuidados da filha, decidindo que a trajetória da filha-mulher, uma vez que menstrua e “arranja” um namorado que a leva e busca da universidade, é determinada pelos homens. Se antes o ônus de “cuidar” era do pai, passa posteriormente ao namorado, pois essa

mulher-objeto, que não se permite ser mulher-sujeito, é tolhida em todas as fendas pelas quais ela poderia escapar ou simplesmente refletir o seu *ser* e seu *tornar-se*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A relação entre a mãe e sua filha é construída por um atrito constante que começa, quando a filha ainda é criança, na disputa pela atenção da figura paterna. O conflito se desenvolve pela reprodução de discursos notadamente patriarcais pela mãe, e termina com a resignação ao estado de confusão e deterioração da relação, relação esta que serve a uma ordem social formadora.

A mãe, de personalidade perversa, é aquela que reproduz o discurso redutor, que minimiza a mulher, atribuindo insanidade a qualquer tentativa de questionamento ou recusa das condições impostas. O discurso aventado, ainda muito presente na sociedade, faz parte do que Zolin (2009b, p. 218) chamaria de “discursos sacralizados da tradição”, organizados historicamente pelos homens e com os quais é preciso romper. No caso da presente obra, o rompimento se dá pela denúncia, pela exposição nevrálgica do procedimento de dominação, e suas implicações no âmbito emocional da personagem agredida. C. Hoex configura essas dolorosas representações por meio de uma prosa eminentemente poética. Enquanto tradutoras que se propõem a uma crítica feminista do material de trabalho e pesquisa, adicionamos como um dos objetos da tradução a transposição fidedigna do elemento estético, a conservação máxima das nuances construídas nos cenários, as quais delineiam, por si só, a exclusão da filha. Um exemplo é o trecho citado abaixo, no qual observamos o olhar da mãe que se desvia da filha. A convivência diária está num constante e simbólico esquivar-se:

Às vezes, nas fotos antigas, eu a vejo sorrir, entregar uma expressão facial disponível, o olhar no olhar do obturador. Mas era o meu pai que segurava a câmera. Ela seguia sem olhar para mim. Olhos tão azuis. Pedras duras. (HOEX, 2022, p. 58)

Mais tarde, na narrativa, ela afirma desejar ter estado nos olhos da mãe (HOEX, 2022, p. 58), mas que eles flutuavam em volta dela, a atravessavam. A escrita de C. Hoex tem como sustentáculo as nuances, as quais tentamos preservar ao máximo na tradução, porque criam, no âmbito do sensível e da incomunicabilidade em termos racionais ou objetivos, um imaginário da decepção multifacetada que marca as relações afetivas dessa mulher. A conduta

de fundo patriarcal da mãe se inscreve em uma incorporação das relações de poder estabelecidas pelos homens. Sobre essa transposição de atitudes, observa Bourdieu:

Por conseguinte, seus atos de conhecimento são, exatamente por isso, atos de reconhecimento prático, de adesão dóxica, crença que não tem que se pensar e se afirmar como tal e que ‘faz’ de certo modo, a violência simbólica que ela sofre. (2020, p. 62)

Dentro dessa “estrutura de um mercado de bens simbólicos” (BOURDIEU, 2020, p. 75), uma das manobras centrais de dominação é o controle sobre o corpo, o qual não está permitido sequer chorar. Ao apontar que sua mãe “teme as exsudações” (HOEX, 2022, p. 35), a narradora reitera a vedação à qual está submetida: a mulher precisa se conter, se limitar, estar ressequida. A estratégia literária para expurgar tais cerceamentos é a inserção da figura do mar, como metáfora plurivalente de imersão, deglutição e regurgitação. O uso do mar como um “outro-eu” faz parte da construção de uma identidade enfraquecida e que precisa buscar em realidades exteriores a compreensão de sua interioridade: “Porque, na vertigem de seu murmúrio, sob as carícias sinuosas de suas incontáveis línguas, o mar, continuamente, atrai a praia e a devora.” (HOEX, 2022, p. 42)

Apesar de se tratar de uma solução fortuita, a utilização do mar como local de irrupção demonstra a execução de um direito de “nomear e narrativizar” (SHOHAT, 2001, p. 153) as próprias vivências, operando esse deslocamento da hegemonia de organizar a história, antes exclusiva dos homens. .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise dos impactos das vivências violentadoras na voz narrativa e dos diversos enunciados dominadores e repassados entre gerações de mulheres, sendo as próprias oprimidas dessa narrativa aquelas que consolidam a dominação, contemplamos o estilo de denúncia de Corinne Hoex: a constatação do horror que contempla uma “objetividade da experiência subjetiva das relações de dominação” (BOURDIEU, 2020, p. 63), e que se dispõe a criticar o sistema rebuscado de perpetuação da inferiorização da mulher. E é sobretudo por meio das relações de aparência que a autora veicula sua argumentação implícita, expondo uma realidade próxima à que descreve Zolin:

O fato é que a identidade do ser ou da coisa representada, não raro, se resume à aparência dela, escamoteada que está por configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída. (2009a, p. 106)

E se, para Bourdieu, as estruturas de dominação “são produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico), de reprodução” (2020, p. 63), caberia à figura materna, enquanto referência, desconstruir a estrutura de dominação, e não reproduzi-la.

Nessa obra emerge um deslocamento: fica claro que a tentativa de perscrutar os comportamentos da mulher obtém sucesso, e a revolta subsiste somente num plano interior. No momento em que a narradora toma para si o dizer dos fatos, o abuso é trazido à tona. O poder simbólico opera sua “magia”, como nomeado por Bourdieu (2020, p. 70), mas inicia-se um processo gradual de dissolução do mesmo pela descrição de situações de imposição violenta que fragmentam a visão que a mulher tem de si.

Em um momento literário de emergência de obras contestadoras e subversivas, *Mas meu vestido não ficou amassado* nos auxilia a enxergar certos “franzidos” no revestimento da subjetividade da mulher, produzidos pelas diferentes mãos que a transferem como mulher-objeto, destituída, pelos esquecimentos propositais de uma mãe indiferente; destituída de qualquer ensinamento materno que pudesse ter sido transmitido para que essa mulher em construção pudesse saber proteger a si, ao seu corpo, e, principalmente, à sua autodeterminação.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M.;VOLOCHINOV, V. N. Marxismo e filosofia da linguagem (1929). Trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. 196p.

BOURDIEU, P. A dominação masculina (1998). Tradução Maria Helena Kühner. 18 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BRANDOLT, M.R. A crítica feminina articulada ao literário. Anu. Lit. Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 265-275, 2015.

HOEX, C. Mas meu vestido não ficou amassado (2008). Tradução de Gabriela Porto Alegre e Kelley Baptista Duarte. Bestiário: Porto Alegre, 2022.



SHOHAT, E; COSTA, C. L. Feminismo Fora do Centro: Entrevista com Ella Shohat. Tradução de Sônia Weidner Maluf. Ponto de Vista. Rev. Estud. Fem. 9 (1), 2001 . Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/DWZvLKQNGggVgpw3tVsnXDF/?lang=pt>. Acesso em 31/07/2022.

ZOLIN, L. O. A literatura de autoria feminina brasileira no contexto da pós-modernidade. Ipotesi, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 105 - 116, jul./dez. 2009a

ZOLIN, L. Crítica feminista: os estudos de gênero e a literatura. In: BONNICI, T.;ZOLIN, L. Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3.ed. Maringá: Eduem, 2009b